

CRISE EUROPEIA

Até quando o Brasil terá munição para suportar a pressão?

ANCHIETA DANTAS JR.
Repórter

As novas preocupações sobre um calote desordenado na Grécia; o rebaixamento do rating – opinião sobre a capacidade de um país saldar seus compromissos financeiros – de nove dos 17 integrantes da zona do euro, ameaçando obstruir o processo de resolução da crise de dívida; e ainda 40% de chance da região entrar em recessão neste ano, com uma contração de até 1,5%, segundo a agência de classificação Standard & Poors, só agravam a situação na Europa e aumentam o risco de maior contaminação da economia mundial.

Nesse contexto, o Brasil, até agora, vem mantendo trajetória positiva. O desejo do governo é de que o País avance, com expectativa de crescimento entre 4% e 4,5% em 2012 e, nessa direção, ele não tem medido esforços. Novas medidas voltadas para o estímulo ao crédito deverão ser acionadas, mais uma vez, para garantir esse desempenho. Ao lado, também, da queda dos juros e da desoneração de alguns setores. Tudo no sentido de reforçar o mercado interno, seu maior foco. Contudo, com a piora no cenário europeu, até que ponto o País ainda estará “blindado” e vai ter bala na agulha para suportar as pressões externas?

“Enquanto a Europa tenta re-

FOCO

“A recomendação é ter liquidez, equilibrando as contas do governo, para ter fôlego diante de momentos de turbulência”

CARLOS HONORATO
Professor de Economia da FIA/USP

solver seus problemas internos e escapar de uma crise maior, o Brasil está, inversamente, mantendo uma política de estímulo econômico. O caminho não é tranquilo, mas a expectativa é otimista”, avalia o economista Henrique Marinho, professor da Universidade de Fortaleza (Unifor), que também é mestre em Negócios Internacionais.

Munição

E, de fato, explica, “o País ainda tem muita munição para continuar nessa trajetória”. “Em termos de política monetária e de mecanismos de estímulos à economia ainda há espaço e também o que fazer. Além do que, a própria política de valorização do salário mínimo tem um peso muito grande para o fortalecimento do mercado interno, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste. Isto significa mais demanda, mais mercado e a criação de

empregos. E o melhor, com uma estimativa de inflação dentro da meta”, emenda.

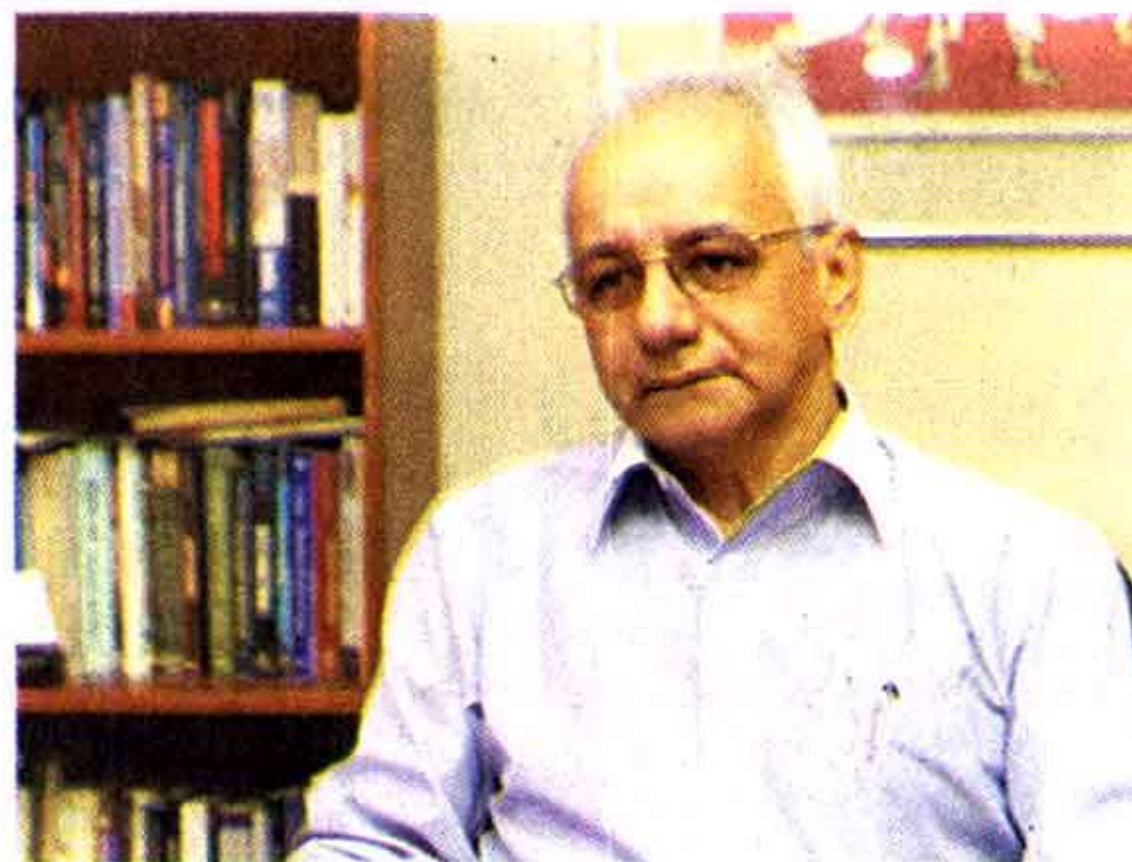
De acordo com Marinho, atualmente, nosso principal parceiro comercial é a China, respondendo por 17% das exportações, e este país ainda está crescendo. A Ásia como um todo detém 30%, o Mercosul, entra com quase 11%, a América Latina soma 17% e a União Europeia responde por 20% das vendas externas brasileiras.

“Então em termos de comércio exterior, ainda temos fôlego para continuar crescendo, tendo em vista essa diversificação de destinos, e para países que não estão sendo atingidos com essa crise, fazendo que dependamos muito menos da Europa. Até o Estados Unidos, outro forte parceiro, já está melhor”, destaca.

Investimentos

Entretanto, apesar de um cenário ainda otimista para o Brasil, dado à dimensão do seu mercado interno, segundo o professor de Economia da Fundação Instituto de Administração da Universidade de São Paulo (FIA/USP), Carlos Honorato, o País não pode perder o foco, deixando de investir na educação e também de controlar os gastos.

“Precisamos alcançar, em um horizonte de médio e de longo prazo, níveis de competitividade perante o resto do mundo. Gas-



Para o economista Henrique Marinho, em termos de política monetária e de mecanismos de estímulos à economia ainda há espaço FOTO: ALANA ANDRADE

tar menos é outro ponto a considerar. Pois é preciso ter poupança para poder enfrentar momentos de turbulência que possam vir”, fala. “A recomendação é ter liquidez, equilibrando as contas do governo, para ter esse fôlego”, emenda o professor.

Ainda de acordo com ele outra recomendação para o País seria incrementar os investimentos em infraestrutura. “Aí sim pode ser que passemos tranquilos perante uma crise maior”, avalia Honorato.

Conforme disse, o mundo é conectado, com o dinheiro circulando. Portanto, não podemos dizer que de alguma forma já estamos envolvidos. “Mas não precisa ser alarmista”, diz.